DISCOLÂNDIA

SONAR

Antonio Carlos Miguel

Memê produz Barão

• O DJ e produtor Marcelo "Memê" Mansur vai co-produzir o novo disco do Barão Vermelho, dividindo os créditos com o grupo e o sexto Barão Ezequiel Neves. Eles devem trabalhar durante o verão, para lançar o CD em maio do ano que vem.

• **SANTA RITA NA REDE:** Rita Lee participa hoje, a partir das 19h, de um chat no GLOBO ON. A cantora falará de sua home page (<http://ritalee.com>) e de seus outros projetos.

• **HOMEM DE PRETO EM CD:** O ator e *rapper* Will Smith está lançando seu CD de estréia pela Sony, "Big Willie Styles". Uma das músicas, "Just cruisin", é da trilha do filme "Homens de preto".

• **EARTH, WIND & FIRE:** A Spotlight Records lança na semana que vem dois CDs do Earth, Wind & Fire. "Live — the greatest hits" traz 14 sucessos, gravados ao vivo no Japão; enquanto "In the name of Love" tem 11 faixas novas produzidas por Maurice White, com participação do percussionista brasileiro Paulinho da Costa.

• **DENVER INÉDITO:** Morto num desastre no início deste mês, o cantor e compositor John Denver deixou um disco inédito, "The unplugged collection", gravado em Nashville, que a EMI vai lançar no EUA ainda este ano.

• **MESTRES EM PAUTA:** A editora Irmãos Vitale lançou um completo livro de partituras de Pixinguinha, com 71 músicas (incluindo sete inéditas) e prepara agora volume dedicado à obra de Ernesto Nazareth.

• **'ZEN' RAMALHO:** A editora Nova Era lança na próxima segunda-feira, na Livraria Argumento, "Zé Ramalho: um visionário no século XX", de Luciane Alves, livro que mapeia o lado místico do compositor paraibano.

E-mail: *antonio@oglobo.com.br*

CDs RECOMENDADOS

- **Liga lá** — Lulu Santos
- **No coração do Rio** — Nana Caymmi
- **Manual prático...** — Ed Motta
- **Astronauta tupy** — Pedro Luís
- **O dia em que...** — Lenine
- **Timeless** — Goldie
- **Acústico** — Gal Costa

O ouro de Ella, Porter, Rodgers & Hart

'Songbooks' dedicados às obras dos compositores são um marco na história da música popular

Cole Porter songbook / Rodgers & Hart songbook
Ella Fitzgerald
■■■■■

João Máximo

Os dois primeiros dos oito *songbooks* com os quais Ella Fitzgerald reverenciou os maiores compositores da Era de Ouro da música popular americana estão sendo relançados no Brasil pela PolyGram: um CD duplo dedicado a Cole Porter e outro, também duplo, a Rodgers & Hart.

Songbooks, hoje, são figurinhas fáceis. Em 1956, quando o produtor Norman Granz teve a idéia de inventariar a obra dos grandes compositores através da voz de Ella, não eram. Cantores e músicos já tinham gravados discos homenageando Cole Porter e outros gigantes. Mas não com tal abrangência e com tal unidade conceitual. Nem com o nome de *songbook*, como os americanos chamavam — e chamam — os tradicionais álbuns de partitura. Pode-se dizer que foi Granz quem inventou a versão em disco de tais álbuns. Com a cumplicidade de uma das maiores vozes femininas da história: a de Ella Fitzgerald.

Talvez seja difícil, para quem ainda não estava por aqui em 1956, calcular o impacto que o LP duplo, com 32 canções de Porter, causou. Sem falar na excepcional vendagem, foram aqueles dois discos que deram aos amantes da música americana a consciência de que seus compositores (primeiro Porter e depois os outros) tinham, de fato, uma obra.

Caetano Veloso disse, numa entrevista de anos atrás, que sua idéia de boa música popular era justamente os dois LPs em que Ella canta Cole Porter. Pode ter mudado de opinião, mas não há dúvida de que ele, como a sua e outras gerações, aprendeu a admirar Cole Porter naqueles discos.

Curiosamente, não era bem o *songbook* que Granz queria fazer. Nem o de Porter nem o de Rodgers & Hart. Um acaso já havia posto Ella em suas mãos. Por ocasião da gravação da trilha do filme "A música irresistível de Benny Goodman", a gravadora Decca pediu a Granz que liberasse alguns de seus contratados que atuavam no filme (Gene Krupa, Teddy Wilson, Stan Getz etc). Granz concordou com uma condição: de que a Decca liberasse Ella para seu principal selo, o Verve.

A idéia do produtor era dar a Ella o melhor arranjador, Nelson Riddle ou Billy May. Ou ainda Paul Weston. Mas esses três — que só entrariam na história dos *songbooks* depois — estavam presos por contratos a outros selos. Assim, os dois primeiros álbuns, ambos gravados em 1956, tiveram como arranjador um jovem de 18 anos, sobrinho de Jules Styne (outro que merecia um *songbook*), a quem o produtor só conhecia de rádio: Buddy Bregman.

De nada adiantaram as restrições de alguns críticos aos arranjos de Bregman, de que ele não tinha a capacidade de um Nelson Riddle para tratar diferentemente os diversos humores das canções de Porter, Rodgers & Hart. Os LPs duplos venderam muito. E convenceram Granz de que havia lugar de sobra para outros.

Cole Porter ainda era Cole Porter em 1956. Acabara de ter dois musicais montados na Broadway e trabalhava nas canções do filme "Alta sociedade". Só dois anos depois teria sua perna amputada e pararia para sempre de compor.

Richard Rodgers também estava em plena forma, só que em parceria com Oscar Hammerstein II. Lorenz Hart morrera 11 anos antes e, de certa forma, muitas de suas letras para as músicas de Rodgers já não eram tão lembradas.

Num primeiro momento, o grande mérito dos *songbooks* foi justamente este: lembrar ao público que Cole Porter ainda estava vivo e que Lorenz Hart formara com Rodgers uma grande dupla. Os repertórios dos dois álbuns são perfeitos. Metade escolha de Granz, metade de Ella, não traziam músicas inéditas, como costuma acontecer com álbuns hoje produzidos nos mesmos moldes. Mas não precisava. Era como se tudo aquilo fosse novo.

Caetano Veloso, se ainda pensa do mesmo modo, está certo: mesmo que os dois primeiros álbuns não contassem com os arranjos ideais, pode-se encontrar neles a melhor idéia do que seja a boa música popular americana. Não havia como errar: os compositores faziam parte do primeiríssimo time, e Ella Fitzgerald, em 1956 e nos oito anos que se seguiram, cantava soberbamente bem. ■

Divulgação

ELLA FITZGERALD: a cantora dedicou oito anos de sua carreira em disco ao mapeamento da melhor música popular americana

O melhor da série vem depois

• De fevereiro de 1956 a outubro de 1964, Ella Fitzgerald gravou na Verve, com produção de Norman Granz, oito *songbooks*, num total de 18 LPs, hoje 14 CDs. Embora os dois primeiros — o de Cole Porter e o de Rodgers & Hart — tenham sido projetos vitoriosos, convencendo Granz a seguir em frente, não foram os melhores. Sobretudo no tocante aos arranjos. O *songbook* de 1957, já era, qualitativamente, um passo à frente: composições de Duke Ellington com a poderosa orquestra do próprio acompanhando Ella. É o mais jazzístico da série.

Em 1958, Paul Weston foi requisitado para criar os arranjos das 32 canções de Irving Berlin que Ella gravaria no quarto álbum. Como a maior parte do repertório era de baladas românticas, as cordas de Weston não soaram inadequadas. Pelo menos, superaram os primeiros esforços do jovem Buddy Bregman.

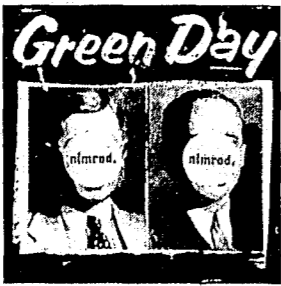
O quinto *songbook*, de 1959, é possivelmente o melhor. Cinco LPs na primeira edição, três CDs hoje, faz um expressivo balanço da obra dos irmãos George & Ira Gershwin, revelando a quem não os conhecia o quanto eram criativos, originais e modernos. O arranjador, no caso, era o mestre do ofício: Nelson Riddle. Num *ragtime*, numa canção sentimental, no mais irresistível suingue, os Gershwin recebem de Riddle o tratamento nunca abaixo de excelente. E Ella está em sua melhor forma.

Harold Arlen é o compositor focalizado no sexto *songbook*, o último em dose dupla, lançado em 1961. Billy May é o arranjador, ótimo sobretudo nos números pesados, em cima dos sopros. Finalmente, os dois últimos da série saíram em LPs simples, um dedicado a Jerome Kern, em 1963, e outro a Johnny Mercer, em 1964. Nelson Riddle cuidou dos arranjos de ambos, os quais, pelo repertório reduzido, não fazem justiça aos dois compositores, Kern o mais velho de todos, Mercer o mais moço.

CDs MAIS VENDIDOS

1. **É o Tchan do Brasil** — É o Tchan (1/5)
2. **Só Pra Contrariar 97** — Só Pra Contrariar (3/31)
3. **Chiquititas** — Chiquititas (4/2)
4. **Zezé Di Camargo & Luciano** — Di Camargo & Luciano (2/6)
5. **Ao vivo** — Banda Eva (5/11)
6. **Desliga e vem** — Grupo Exalta Samba (6/4)
7. **Quebra-cabeça** — Gabriel O Pensador (9/8)
8. **Claudinho & Buchecha** — Claudinho, Buchecha (10/2)
9. **Boas notícias** — Xuxa (RE)
10. **Sedução na pele** — Negritude Jr. (10/8)

OBS: O primeiro número entre parênteses indica posição na semana anterior; o segundo há quantas semanas o CD está na parada; o (*), indica estréia, e o (RE), indica volta. Fonte: Nopem

E AINDA...

Ar de sobras
■■

Este novo disco do Green Day, "Nimrod", em nada difere dos anteriores (aliás, os dois primeiros, "Kerplunk" e "1.039/smoothed out slappy hours", estão saindo no Brasil agora pela Paradoxx), a não ser pela qualidade técnica. Dá a impressão que estamos ouvindo sobras de "Dookie" ou um disco de Alvin & The Chipmunks, grupo infantil que faz paródias rock para crianças. O punk *bubblegum* já encheu. *(T.L.)*

Duo de peso
■■■■■

A cantora Cassandra Wilson, conhecida como a rainha das baladas, entrosa-se com o pianista Jacky Terrasson e seu trio, em "Rendez-vous" (Blue Note/EMI), disco que traz *standards* da canção americana. A expressão pessoal da artista e a qualidade dos acompanhamentos proporcionam uma audição revigorante, isenta da grande maioria dos clichês habituals nesse tipo de contexto. *(J.D.R.)*

O horror, o horror
■

Depois do Chupacabra, do El Niño e de Júnior Baiano na seleção mais um horror vem assustar os brasileiros. É "Samba de janeiro", do Bellini, uma empulhação feita por produtores alemães, à altura de gosmas como Kaoma e Macarena. O pior: "isso", dance farofa com "sabor" brasileiro, está no topo das paradas européias e periga se espalhar pelo mundo. Se encontrar numa loja, fuja correndo. *(C.A.)*

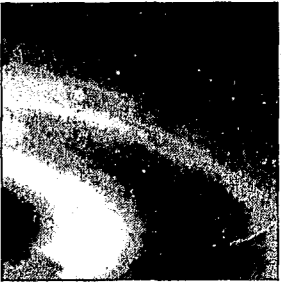
Salada étnica
■■■

A cantora e compositora canadense Loreena McKennitt transita num terreno entre a new age e a world music. Seu sétimo disco, "The book of secrets" (WEA), é uma salada de influências. Tomando como base a cultura céltica, McKennitt procura identificar conexões com músicas turcas e gregas. O resultado não difere dos discos anteriores de McKennitt, mas é melhor do que a new age de Enya. *(A.C.M.)*

Mais do mesmo
■■

O sujeito é bom de palco, promovendo *axeróbica* por onde passa. Há quem goste. Mas, em CD, sem cerveja na idéia ou baticum no palco, fica mais difícil ainda. Netinho lança "Me leva" e a única novidade recai sobre a dance "Isso é bom" (Paulinho Moska). O resto já se sabe: refrões em excesso e criatividade que escorreu em algum ralo do Pelourinho. Um "mico" de tão careta. *(B.N.)*

Faltou voz
■■■

A idéia de rever o romantismo de compositores pós anos 70 no gogó de Nelson Gonçalves é ótima. Alterações melódicas adequaram o repertório ao histórico do cantor, mas o grave portentoso do Metralha, pena, engasgou. Faltou o vozeirão. Ainda assim, entre as 12 canções, merecem destaque "De mais ninguém" (Arnaldo Antunes/Marisa Monte) e "Estácio, holly estácio" (Luiz Melodia). *(B.N.)*

Volta progressiva
■■■■

Com a saída de Phil Collins e a entrada de Ray Wilson nos vocais, o Genesis parece ter se desvinculado das amarras que o prendiam ao pop de resultado dos últimos CDs. Num disco homogêneo, sofisticado, o grupo inglês promove a volta dos climas de sintetizadores, realça as guitarras e, com a voz de Wilson, remete à fase Peter Gabriel, reativando a célula progressiva original da banda. *(M.M.)*